“POR QUE MATARAM A PEDRA?”: “GERAÇÃO AI-5” E JUVENTUDE NA CIDADE DE GOIÁS

“WHY KILLTHE STONE?”: “GENERATION AI-5” AND YOUTH IN THE CITY OF GOIÁS

Clovis Carvalho Britto[1]
Paulo Brito do Prado[2]

Resumo:
Este artigo propõe observar elementos gerais referentes à construção da cultura jovem na Cidade de Goiás na década de 1960. Em contexto de crise, alguns jovens de Goiás, por não encontrarem canais políticos de expressão e não concordarem com os objetivos e métodos de violência simbólica impostos pelo regime, desenvolveram mecanismos de resistência e contestação. Nesse sentido, acredita-se que o episódio da destruição da Pedra Goiana é exemplar para a visualização de alguns aspectos da cultura jovem da “Geração AI-5” e das orientações coletivas que configuraram sua visão de mundo.

Palavras-Chave: Juventude, Autoritarismo, Goiás.

Abstract:
This article observes some general elements about the construction of youth culture in the city of Goiás in the 1960s. In the context of crisis, some young not find political channels of expression and do not agree with the goals and methods

1 Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, linha de pesquisa Arte, Cultura e Patrimônio. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (UnB). Professor da Universidade Estadual de Goiás e do Centro de Ciências de Jussara. E-mail: clovisbritto5@hotmail.com.

2 Especializando em Educação para a Diversidade e Cidadania pela Universidade Federal de Goiás. Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás. E-mail: paulobrito_historia@hotmail.com.

of symbolic violence imposed, developed mechanisms of resistance and contestation. In this context, it is believed that the episode of the destruction of the "Pedra Goiana" is exemplary for the display of some aspects of youth culture of "Generation AI-5" and collective orientations that shaped his worldview.
Keywords: Youth, Authoritarianism, Goiás.

Ditadura, pedra no meio do caminho

As manifestações de cunho político desencadeadas na cidade de Goiás após o golpe civil-militar em 1964 eram resultado de dissidências políticas historicamente mantidas enquanto meio de manutenção do poder simbólico à frente do controle político regional caracterizado pela oligarquia Caiado. Embora o recorte cultural da história goiana esteja em amplo processo de debate na Academia, sentimos a necessidade de evocar as lembranças da participação jovem na construção de esclarecimentos para o passado. Apesar da pouca projeção dada pela produção historiográfica às gerações em Goiás e, no caso específico a relação entre juventude e ditadura militar aqui reconhecida como "Geração AI-5", acreditamos ser necessária a construção desse canal com a intenção de afinar outras vozes em dissonância frente a história regional.

As representações culturais da juventude em Goiás podem ser identificadas por meio de duas vertentes, a primeira representada nas organizações estudantis, constituídas com a intenção de liderar uma frente de oposição ao controle oligárquico e ditatorial na cidade, e a segunda vertente, representada pelas práticas reconhecidas documentalmente como "vandalismos" dos "play boys", responsabilizados historicamente pela destruição da Pedra Goiana e por desestabilizar os ânimos da população da cidade de Goiás, ainda muito abalada com as perseguições políticas empreendidas contra os jovens manifestantes, ou "subversores da ordem", como caracterizados pelos censores. Tais configurações abriram um rol

de debates significativos para o esclarecimento do contexto social e histórico, observado por meio da crise estudantil, pelas manifestações de protesto e de liderança política de algumas parcelas da juventude contra decisões que interferiam na qualidade do ensino, por práticas caracterizadas como subversivas.

É certo que tais questões se espraiaram de norte a sul do Brasil no período militar. Dalva Borges de Souza (2004) também destaca prisões motivadas por atos de "subversão" e a instalação dos Inquéritos Policiais Militares em diversos municípios goianos, a exemplo de Goiânia, Anápolis, Formosa, Planaltina, Goianésia, Itauçu, Itaberaí, Palmelo, Ipameri, Goianira, Catalão, Ceres, Cumari, Porto Nacional, Araguatins, Gurupi e da Cidade de Goiás, muitos em virtude do movimento camponês e resultado de disputas locais. Na verdade, nosso propósito é tecer um inicial esboço para compreendermos de que maneira tais processos foram acionados em Goiás, suas particularidades e as formas de contestação desenvolvidas, tendo como foco as ações da juventude, grupo ainda pouco estudado quando observamos os trabalhos sobre o golpe civil-militar em Goiás.

Nesses termos, seguiremos a orientação de Luciano Martins (2004) quando definiu os contornos da denominada "Geração AI-5", caracterizando-a como portadora de comportamentos típicos da alienação engendrada pela ditadura brasileira. Partindo do pressuposto de que todo regime autoritário configura um processo que culminará em sua negação, o pesquisador demonstra como tal processo é tecido por grupos por ele submetidos ou dele dissidentes, apresentando modos de contestação do sistema simbólico e formas politicamente organizadas de oposição. Todavia, aponta um viés que se aproxima de algumas práticas desenvolvidas pela juventude goiana do período, o que define como formas pré-políticas de resistência ou formas meramente reativas de comportamento, questões freqüentes em sociedades nas quais os canais de

expressão política são reduzidos e não é possível identificar com clareza os objetivos e métodos da instituição autoritária, o que dificulta demarcar os contornos da resistência:

> É em tais circunstâncias – de impotência crítica conjugada à ausência de prática política – que certos impulsos primários de contestação, não logrando efetuar a passagem do estágio de reação instintiva ao de movimento social, são alienados de seu conteúdo político. Tendem, então, a se fecharem sobre si mesmos e a assumirem formas francamente anômicas de comportamento. Em uma palavra: tornam-se intransitivos. (...) A ideologia explicitamente autoritária é substituída, assim, por um difusa "cultura autoritária", que se transmite à sociedade pelas práticas cotidianas da censura, da violência policial, da arrogância da burocracia, do desrespeito aos direitos individuais, da ocultação do processo decisório e dos *ukases* inapeláveis do poder. Práticas essas que começam a condicionar a existência dos indivíduos na medida em que, não apenas passam a definir as relações entre poder e sociedade, mas penetram e ordenam os mais variados domínios da vida cotidiana. Em tais condições, e como reação defensiva a essa "cultura autoritária", começa a emergir uma contracultura, também difusa, através da qual grupos sociais mais ou menos restritos procuram preservar, sob a forma de pautas individuais de comportamento, aquilo que percebem, com maior ou menor clareza, lhes estar sendo negado: a condição de sujeito de suas existências. A contracultura passa então a ser expressão de um *malaise* político e um primeiro instrumento de contestação a um regime (ou a uma ordem social) percebidos como violadores de um valor essencial. É pela

> reafirmação, que pode ser ingênua ou não, desse valor negado que a contracultura se organiza (MARTINS, 2004, p. 16).

Para além de compreender os movimentos contra-culturais como significativos para o estabelecimento de um esboço das formas alienantes produzidas em sociedade diante de um regime autoritário, aqui nos interessam observar como tais práticas foram elaboradas e reelaboradas pela juventude da cidade de Goiás definida por nós como membros da "Geração AI-5". É certo que a categoria geração tende a homogeneizar, de certo modo, seus membros; o que contribuiria para um apagamento de determinadas trajetórias e particularidades dos agentes. Mas no caso do contexto em análise, acreditamos que a demarcação na década de instituição do Ato institucional de número cinco é profícua para estabelecermos algumas das características compartilhadas por grande parte do grupo social. Não sem motivos, Kátia Bezerra (2007), amparada nos estudos de David Wyatt, concorda que tais sujeitos podem ser concebidos como integrantes de uma geração, visto que se constituíram a partir de experiências traumáticas, mudanças drásticas na demografia, intervalos privilegiados, influência de mentores intelectuais e rituais coletivos, cinco determinantes que possibilitariam a formação de uma consciência política que influenciaria gerações subseqüentes.

Nosso recorte se afunila ainda mais ao sublinharmos com essa categoria uma parcela etária da população que vivenciou os tempos de autoritarismo em Goiás, particularmente uma parcela da juventude na década de 1960. Como referencial teórico-metodológico, a proposta de Karl Mannheim (1982) se torna um importante itinerário analítico na medida em que define cinco marcadores de mudanças geracionais: irrupção constante de novos portadores de cultura, saída constante de antigos portadores de cultura, limitação temporal da participação de um grupo em determinado contexto histórico, necessidade

de transmissão dos bens culturais e caráter contínuo das modificações geracionais (Cf. WELLER, 2010). No mesmo sentido, Breitner Tavares (2010) afirma que para Mannheim o conceito de geração abarca uma noção qualitativa de tempo e o modo como esse tempo dialoga com os processos de mudança social, demonstrando, no caso dos estudos sobre juventude, a importância de se analisar as reações e intenções desses grupos:

> A juventude inserida num processo de formação de uma unidade geracional diversa, frente à subjetividade de seus atores, realiza-se na busca de suas metas íntimas, do espírito de seu próprio tempo. (...) A juventude exprime reações diferentes frente a problemas semelhantes, observáveis nos diferenciados estilos de vida manifestos. Esses estilos, por sua vez, estão voltados para a busca por participação de espaços políticos em busca de reconhecimento social. A mobilização social a partir de uma posição de classe constitui um fator indicativo de sua posição geracional. Os movimentos juvenis são relevantes para se entender a configuração de uma geração, pois evidenciam, a partir de sua conduta como sujeitos sociais que participam de vínculos de solidariedade e competição social, dentro de uma unidade geracional. Os movimentos sociais, portanto, constituem um importante elemento de auto-organização social dada a importância das características concretas de cada conjuntura histórica de grupos de idade que estão tentando redefinir seu papel social em termos de estilos de vida (TAVARES, 2010, p. 309).

No caso da cidade de Goiás, os primeiros movimentos voltados para a contestação do regime autoritário na década de 1960 e que por sua vez, deflagraram uma série de outros movimentos

contestatórios, foram promovidos por um grupo de jovens que empreenderam uma das primeiras greves estudantis que se tem notícia no Estado e na cidade. Os jovens militantes se organizaram em partidos políticos de esquerda e direita, como o PSD (Partido Social Democrata) e a UDN (União Democrática Nacional) e, na década referida, mobilizaram a população vilaboense (termo referente aos nascidos na cidade de Goiás, aludindo à antiga Vila Boa de Goiás) através de protestos contra as práticas políticas que interferiram no desempenho da educação naquela localidade. A organização das manifestações culturais e as relações políticas oriundas da formação de grupos jovens ameaçaram os interesses oligárquicos, especialmente as ações contra a expulsão de Orley Gavião do cargo de diretor do colégio estadual, a mobilização da população local e as críticas ao governo do Estado nas figuras do deputado Brasílio Ramos Caiado e do marechal Emilio Ribas.

As práticas políticas perpetradas pelos jovens militantes incomodaram o governo, ao ponto deste precisar intervir em Goiás através da instalação de uma Comissão de Inquérito Administrativo e do envio de espiões com a função de regular as práticas políticas, vigiar atitudes consideradas subversivas e prender indivíduos suspeitos de ser comunistas (Cf. FICO, 2003). A gênese de toda a movimentação se deu após atitudes que contrariaram o prefeito da cidade e principalmente o deputado estadual Brasílio Ramos Caiado, situação esta que atingiu maiores proporções e culminou em uma crise estudantil. No desenrolar das brigas, o Juiz Orley Gavião Gonzaga de Castro foi exonerado do cargo de diretor do Colégio Estadual, decisão que se transformou no estopim para que os jovens estudantes deflagrassem manifestações e greves com repercussão regional e nacional, comprovadas em matérias publicadas em jornais como *O Cinco de Março, O Popular, Estado de São Paulo* e o *Correio Braziliense,* e representadas no depoimento de Eudes Pacheco:

> Em junho de 1965, eu era estudante secundarista e participava da greve estudantil, que talvez tenha sido a primeira grande manifestação estudantil contra a ditadura militar, aqui em Goiás. Com a demissão do diretor do Colégio Alcides Jubé, resolvemos fazer um ato público diante de todos os alunos e professores, no pátio. Subi na sacada e fiz um discurso indignado com a situação, encerrando com a seguinte frase: "A distância que existe entre o governo do Brasil e o povo é a mira de um fuzil". Nesse período, o Serviço Nacional de Informações (SNI) e o Dops, sob o comando do tenente Benevides e dos seus agentes, iniciaram as ações de repressão e prisão. As mais relevantes foram a invasão da Rádio 13 de Maio, com a prisão da poeta e jornalista Elina Maria, que era a diretora. Em seguida, prenderam o juiz de Direito Orley Gavião Gonzaga, em sua residência. A partir dai, as coisas só foram piorando, como atestaram as prisões de estudantes e trabalhadores. Fiquei detido no quartel da Policia Militar, na cidade de Goiás. Dias depois, jogaram meu companheiro Humberto Andrade e eu num camburão. Fomos levados para a sede do Dops, em Goiânia. Numa cela fétida estavam vários estudantes e outras vitimas. Eles já traziam diversas marcas no corpo, alguns choravam de dor. Aquilo era como um aviso do que viria a acontecer conosco. (...) Porém, graças a garra, a perseverança e luta de milhares de jovens brasileiros, como eu, resistimos a todo tipo de selvageria. Mostramos que havia resistência e esperança. No entanto, muitos não entenderam nossa luta (*In*: SALLES, 2008, p. 87-90).

A incompreensão enunciada pelo depoente representou-se historicamente na censura, nas

prisões, torturas e nas memórias traumáticas dos jovens manifestantes, reconhecidos como comunistas e subversores da ordem. Embora a antiga capital do Estado fosse caracterizada como um lugar calmo e nostálgico, "a pedra rolou ladeira abaixo" e trouxe junto algumas manifestações da juventude, não toleradas pelas autoridades policiais e políticas do local. Manifestações de um grupo que metodologicamente definimos por "Geração AI-5", categoria que pretende abarcar aqueles que vivenciaram os chamados anos de chumbo em Goiás. Além disso, embora constituído por agentes de variadas faixas etárias, esta pesquisa pretende visualizar as formas de contestação empregadas pela juventude de Goiás durante esse período, destacando que a terminologia juventude não pretende abarcar todos os jovens da cidade, muito menos todos os que enfrentaram o regime, mas será manipulada com vistas à compreensão das representações e práticas desenvolvidas por alguns jovens que, por sua vez, impactaram o estilo de vida de grande parte dos membros de sua geração. Todavia, a reação da juventude não se limitou a engrossar as fileiras do movimento estudantil. Exemplares, nesse aspecto, são atos de rebeldia e contestação que, embora isolados, dialogavam com os sentimentos e pensamentos contrários à ordem autoritária, e confrontada com a destruição da Pedra Goiana.

Para além do movimento estudantil: o caso da Pedra Goiana

Como explicado em linhas anteriores, os interesses da "Geração AI-5" em Goiás também se caracterizaram por dissonâncias. Existiam jovens organizados em grêmios e organizações políticas, mas outros reconhecidos por "play boys" e mais próximos da rebeldia representada nos filmes dos anos 1950 e 1960.

"Macacos me mordam", pois os "play boys" animados por várias garrafas de cachaça "usaram um macaco hidráulico para a concretização do

crime."[3] Depois de rolar ladeira abaixo a pedra "se calou" então começaram os vários "burburinhos" dos moradores de Goiás e regiões próximas em protesto contra a prática jovem: a destruição da pedra. Entre tantas inquietações alimentadas pelo eventual acontecimento, a única explicação para a pergunta que não calava: "Porque mataram a pedra?". Era o testemunho de "Luz da lua", de que ele e seus amigos queriam entrar para os anais da história goiana por vias bastante originais e, para tanto, aproveitaram o clima de crise política instalada na cidade e destruíram a "pedra angular" de Goiás, selando com "chave de ouro", as variações das práticas culturais na cidade, em seguida "pavonearam pelos bares da cidade que haviam entrado para a história por ter derrubado a famosa pedra" [4].

Como destacado, os eventos de 1965 em Goiás não se distanciaram do que aconteceu em outros estados e também em outros países. A "Geração AI-5" em Goiás, principalmente o grupo responsabilizado pela destruição da pedra, aproximou-se muito aos "jovens rebeldes" dos filmes norte americanos do pós-guerra. A movimentação orientada pelas manifestações impactantes dos dois grupos juvenis na cidade proporcionou rastros importantes para o mapeamento e construção de representações da história jovem em Goiás. Quanto a se referir às gerações na antiga capital com olhos fixos em outras regiões do país e do mundo, desenvolveremos paralelos nas várias escritas da história.

Filmes de James Dean, músicas de Elvis Presley ou de Ultraje a Rigor[5]. Acreditamos

3 Jornal *Cinco de Março* de 31 de janeiro de 1966. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos. Os fragmentos em destaque foram aproveitados no texto como representação e escrita da história.

4 *Idem*.

5 A música "Rebelde sem causa" é uma das representações culturais mais exemplares da juventude aqui discutida, se prestarmos atenção na letra poderemos ver que a denominada "rebeldia sem causa" na verdade tem explicações lógicas e que a música representa criticamente. Letra da música: Rebelde sem causa / Ultraje a Rigor / Composição - Roger Moreira: Meus dois pais me

que estas representações sejam comuns entre a população brasileira, pelo fato de termos incorporado à nossa cultura, costumes norte-americanos, enfrentado longa temporada de ditadura e sofrido os efeitos da perseguição comunista. Os anos que sucederam o fim da grande guerra vieram acompanhados por mudanças paradigmáticas na sociedade, nas artes e na cultura. O aumento do consumo musical e audiovisual através do *Rock' n' roll* e da produção cinematográfica dos anos 1950 e 1960 marcaram época e proporcionaram a identificação de manifestações jovens, representadas pela "contracultura", como corroborado por Pereira:

> O fenômeno é caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música, drogas e assim por diante. Um conjunto de hábitos que aos olhos das famílias de classe média, tão ciosas de seu projeto de ascensão social, parecia no mínimo um despropósito, um absurdo mesmo. (...) significava também novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas (PEREIRA, 1985, p. 65-66).

Não é incomum depararmos com textos

tratam muito bem / (O que é que você tem que não fala com ninguém?) / Meus dois pais me dão muito carinho / (Então porque você se sente sempre tão sozinho?) / Meus dois pais me compreendem totalmente / (Como é que cê se sente, desabafa aqui com a gente!) / Meus dois pais me dão / apoio moral / (Não dá pra ser legal, só pode ficar mal!) / mama mama mama mama / (papa papa papa papa) / Minha mãe até me deu essa guitarra / Ela acha bom que o filho caia na farra/E o meu carro foi meu pai que me deu / Filho homem tem que ter um carro seu / Fazem questão que eu só ande produzido / Se orgulham de ver o filhinho tão bonito / Me dão dinheiro prá eu gastar com a mulherada / Eu realmente não preciso mais de nada / Meus pais não querem / Que eu fique legal / Meus pais não querem / Que eu seja um cara normal / Não vai dar, assim não vai dar / Como é que eu vou crescer sem ter com quem me revoltar / Não vai dar, assim não vai dar / Pra eu amadurecer sem ter com quem me rebelar.

definidores da contracultura e "juventude transviada" como sendo fruto de uma "rebeldia sem causa", na tentativa de explicar o fenômeno da "delinqüência juvenil". No entanto, ao reavaliar estes apontamentos compreendemos que era preciso considerar outras causas potencializadoras desta rebeldia, como a existência de desentendimentos familiares, conflitos, educação deficiente, leituras de mundo contrárias aos padrões empreendidos pela sociedade conservadora, pelo autoritarismo político, dentre outras:

> Diante de tais incompreensões, alguns grupos de jovens optavam pela delinqüência juvenil, fazendo disparar as estatísticas sobre crime e violência. (...) Mesmo gozando de todos os privilégios da classe média branca norte-americana, esses jovens não podiam escapar a um sentimento de vazio existencial, produto de uma sociedade consumista e materialista; ou a um sentimento de culpa, mesmo que inconsciente, pelas desigualdades sociais e raciais dessa sociedade. Outros, ainda, oriundos de lares desajustados, reflexo da própria guerra e da vida moderna norte americana, tornavam-se incapazes de se enquadrar no chamado *american way of life* (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p. 23).

Em *Movimentos culturais de juventude,* Brandão e Duarte apresentam um panorama das manifestações jovens em 1950 – 60 nos Estados Unidos e suas influências em outros países. No Brasil esta influência foi sentida principalmente no cotidiano de várias gerações, confrontadas aqui através dos apontamentos de Pierre Bourdieu (1983) acerca das relações culturais entre as idades, fator que contribuiu para a formação de personalidades contrastantes com os padrões ideais da sociedade:

De fato, a fronteira entre a juventude e a

> velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades. Por exemplo, há alguns anos li um artigo sobre as relações entre os jovens e os notáveis na Florença do século XVI que mostrava que os velhos propunham aos jovens uma ideologia da virilidade, da virtú e da violência, o que era uma maneira de se reservar a sabedoria, isto é, o poder. (BOURDIEU, 1983, p. 112)

As pontuações apresentadas refutam a existência da "rebeldia sem causa" e corroboram a noção de *habitus* e o estudo das trajetórias desses agentes. Se a juventude apresentava "problemas" ou destoava dos padrões estabelecidos pela sociedade conservadora, a resolução para a considerada delinqüência juvenil deveria ser buscada no circulo familiar e cultural do qual os jovens *playboys* pertenciam. Desse modo, ao situarmos o contexto da pesquisa, convém explicitarmos que as noções de *habitus* e trajetória aqui utilizadas se inspiraram no referencial teórico-metodológico de Pierre Bourdieu (1996a e 1996b). Na verdade, o *habitus* que o indivíduo incorpora no processo de socialização apresenta uma capacidade criadora, e não meramente reprodutora. Consiste em uma pulsão, em um saber incorporado "gerador e unificador que reduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas" (BOURDIEU, 1996b, p. 2). Mas como captar a relação entre os agentes singulares, com seus *habitus*, e as forças do espaço social? É o próprio Bourdieu quem assinala um caminho quando afirma que tal relação se objetiva em uma trajetória e em uma obra. A trajetória descreve as posições ocupadas por um mesmo agente em estados sucessivos do campo. Nessa perspectiva, a trajetória consiste na objetivação das mediações entre os agentes e as forças presentes no campo e deve ser compreendida como um modo singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem

as disposições do *habitus* e se reconstituem a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo em espaços sucessivos. Ciente dessas questões, este artigo recupera alguns indícios que pretendemos adensar ao longo dos anos no intuito de reconstruir minuciosamente os trajetos e memórias dos personagens envolvidos na destruição da Pedra Goiana e nos enfrentamentos do autoritarismo militar.

Em Goiás podemos sentir as influências dos movimentos culturais jovens de 1960, fator essencial para que aparecessem na cidade manifestações juvenis de inspiração política, de rebeldia e da contracultura. A cidade recebia informações através de jornais com circulação regional, nacional e ainda contava com os serviços de radiodifusão da Rádio 13 de Maio. A partir desses paradigmas indiciários entendemos que não era difícil surgirem manifestações de oposição ao governo do Estado, à difusão do anticomunismo e as práticas contra-culturais influenciadas por ações que pipocavam pelo país e pelo mundo.

Os *"playboys"*, como são lembrados os culpados pela destruição da "Pedra Goiana" e pelas constantes "contravenções" do sossego na cidade de Goiás, foram criticados por jornais locais do período. A pedra se transformou a partir desse evento na personagem principal de crônicas e notícias sobre o ato de "vandalismo". Sua destruição evocou referências na literatura de Octo Marques (1985) e em trabalhos acadêmicos como a dissertação de mestrado de Luciano Melo de Paula (2007).

Suspensa sobre uma frágil base de pequenas rochas a Pedra Goiana, após ter "testemunhado séculos de história, rolou ladeira abaixo". Nas alturas da Serra Dourada, postada sobre um "trono" desafiador das leis da gravidade a Pedra Goiana "dialogava com espíritos da noite e que todos os seres viventes que viviam ali até o Pai do Mato, o Caipora e as almas dos índios e dos Bandeirantes quedavam-se ouvindo estórias

antigas que ela contava" [6]. Conforme destacamos, a famosa pedra foi "destronada" por um grupo de jovens conhecidos na cidade de Goiás como "*playboys*" e "quebradores de bailes". A "gang" representou na cidade a segunda vertente das manifestações jovens na década de 1960. Em outros fragmentos de jornal foram representados o evento e a apresentação dos responsabilizados pelo "desmoronamento" da pedra:

> "Play-Boys" derrubaram a Pedra Goiana e até hoje não sofreram o peso da lei. Depois de ter o desplante de avisar ao soldado Miguel da Cia. Independente Araguaia, da cidade de Goiás, que iriam fazer desmoronar a "PEDRA GOIANA", conhecido ponto turístico da região, um grupo de "play-boys", de Vila Boa, já embriagados e conduzindo grande quantidade de garrafas de cachaça na "pik-up jeep" de propriedade de Alaor Barros Curado, destruiu a famosa pedra, sem que, até hoje, as autoridades tenham tomado qualquer providência punitiva, a não ser a "abertura de um RIGOROSO inquérito". Os "play-boys" usaram um macaco hidráulico para a concretização do crime. A pedra rolou e feriu Airton da Silva Oliveira. Fichas individuais dos vândalos: Aluizio de Alencastro, vulgo "Luz da Lua"; Joel de Alencastro Veiga, conhecido por "Vequinho"; José Alves, vulgo "Zé Sancha"; Sebastião Alves, vulgo "Tão Sancha"; Ailton da Silva Oliveira, dentista da OSEGO; Sebastião Bento de Morais, vulgo "Bentinho"; Nelson Curado Filho, vulgo "Curé"; Luiz Nascimento, vulgo "Lulu" e Eugênio Brito Jardim, vulgo "Tatá". Os mencionados "*playboys*" foram os mesmos que provocaram badernas durante a recente greve havida na cidade de Goiás, quando contaram

6 Jornal Tribuna de Goiás de 22 a 28 de setembro de 1968. Arquivo Frei Simão Dorvi.

> com a proteção do prefeito Brasílio Caiado. São elementos notoriamente conhecidos como arruaceiros famosos na cidade como "quebradores de bailes". Um deles, Aluísio Alencastro, foi quem quebrou, durante a greve de Goiás, e caríssima vidraça do Colégio Estadual. Formam uma verdadeira e temida "gang", já reincidente em vários fatos da mesma natureza. No mesmo domingo à tarde, os arruaceiros voltaram a Goiás e contrataram advogados. Aliás, ainda no mesmo dia, pavonearam pelos bares da cidade que haviam "entrado para a História" por ter derrubado a famosa pedra.[7]

O grupo de *"playboys",* responsabilizados pela queda da Pedra Goiana, condensou as características contra culturais de 1950 – 60 e foram estigmatizados como integrantes da "juventude transviada, com suas gangues, motocicletas e revoltas contra os professores nas salas de aula. São os rebeldes sem causa tão retratados, não importa se justa ou injustamente pelos filmes da época e encarnados na figura de James Dean" (PEREIRA, 1985, p. 66). A rebeldia e destruição da pedra transformaram-se em representações culturais que definiram uma época marcada por transformações comportamentais de toda uma geração.

No estudo das representações e práticas culturais em Goiás foi possível identificar dessemelhanças ideológicas entre os envolvidos no "caso de Goiás". Existia por um lado grupos jovens contrários ao tradicionalismo político e ao conservadorismo, ainda de certo modo presente na cidade, e de outro os jovens considerados rebeldes. Os jovens manifestantes também inconsolados com a destruição da pedra passaram a distribuir críticas aos *playboys*, reforçadas depois de observarem o caráter de impunidade assumido pelas autoridades locais na responsabilização

7 Jornal Cinco de Março de 31 de janeiro de 1966. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos.



Foto 1: Pessoas em cima da Pedra Goiana, década de 1960. Arquivo particular de Elder Camargo de Passos.

dos infratores. Através dos rastros documentais observamos que os componentes da "gang" pertenciam a famílias importantes e com representações de poder político ainda muito fortes na cidade.

Enveredar pela história dos costumes jovens em 1960 nos abre possibilidades para debates sobre práticas e representações políticas presentes em Goiás desde a sua formação e organização em Estado. Uma grande parcela dos trabalhos produzidos sobre a história política e cultural em Goiás tem por recorte a discussão da instituição do poder e sua centralização nas mãos de alguns grupos familiares estabelecidos, como esclarece Ribeiro:

> Observando a história de Goiás desde os primeiros tempos da ocupação mineradora, constatamos a presença de grupos familiares na direção política e na vida administrativa, especialmente durante o Império e os primeiros tempos da República. Na "Cronologia dos Governantes de Goiás", isso é facilmente constatado pela seqüência dos sobrenomes: Fleury, Jardim, Moraes, Alencastro, Gouveia, Jubé, Rocha Lima, Albernaz, Alencastro. No final do século XIX e neste século destacaram-se, pela repetição, ou seja, pela permanência política, três grupos familiares – os Bulhões, os Caiado e os Ludovico de Almeida (RIBEIRO, 1998, p. 209).

Este controle oligárquico corroborado por Ribeiro (1998) teve seus rastros apresentados no momento em que o texto jornalístico fez referência aos jovens como sendo eles integrantes de antigas oligarquias da região. Os termos "*playboys*", "arruaceiros", "vândalos", "quebradores de bailes" e "temida gang" utilizados para qualificar os responsáveis pela destruição da pedra, denunciaram e criticaram práticas que desagradaram o costumes e o *habitus*

de grande quantidade dos moradores de Goiás. Ao trazer comentários individuais sobre os autores do crime, o texto funcionou como indício para confirmar as bases familiares de cada jovem e a representação do poder simbólico emanado do controle oligárquico na região. Além de denunciar, o documento apresentou através de paradigmas indiciários as raízes familiares dos jovens e a representatividade da oligarquia Caiado, no interior da sociedade goiana, pistas importantes para a reconstrução de suas trajetórias. Por se tratar dos "herdeiros" de agentes interessados no controle cultural e político, protegidos pelo deputado Brasilio Ramos Caiado, a "gang" pode contar com a "vista grossa" das autoridades policiais que instauraram um "rigoroso inquérito" sem penalidades para os responsáveis. As forças policiais combinadas à representação de poder da oligarquia Caiado agiram como instituições silenciadoras da destruição da Pedra Goiana o que enunciou a manutenção de uma política de "troca de favores" entre a administração da cidade de Goiás e o poder oligárquico:

> A maioria dos grandes fazendeiros se fez representar por outros, a quem creditaram a direção política de seus interesses. Manter a autorização para representação desses interesses e articulação com os demais setores da economia e da política exigia outras credenciais, que não apenas a de ser latifundiário (RIBEIRO, 1998, p. 211).

Ao se tornar a representante de outras famílias estabelecidas em Goiás, a oligarquia Caiado assumiu a condição de compromisso e favores caso precisassem, como vem representar a atuação dos jovens e a situação de impunidade aferida em todo o evento. O desmoronamento da pedra transformou os jovens em "play boys" considerados inconvenientes à população local, principalmente porque recebiam apoio familiar e financeiro para se defenderem judicialmente, sem

deixar de esquecer o afrouxamento da justiça.

De uma forma geral a aproximação dos "arruaceiros" de Goiás à rebeldia jovem de outros lugares tornou-se viável graças às transformações sociais e culturais do século XX (Cf. HOBSBAWM, 1995), à nova produção historiográfica e o aparecimento de testemunhos em Goiás. Estas mudanças sociais e culturais favoreceram o surgimento de manifestações juvenis que, apropriadas por meio da análise documental, proporcionaram a construção de narrativas históricas através da articulação de fatos e testemunhos, como esclarece Benjamim: "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo" (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Na verdade, nosso intuito não foi promover juízos de valor em torno da ação desses jovens, mas oferecer pistas para a reconstrução de trajetos e análises de um período significativo da história goiana em que a juventude da "Geração AI-5", seja através de movimentos estudantis, seja na utilização de métodos e formas dissidentes para a contestação do sistema simbólico, desenvolveu ações reativas de comportamento. As contradições do contexto autoritário em que estavam mergulhados contribuíram para que não encontrassem "condições para definir seus próprios objetivos ou para construir adequadamente suas trincheiras de resistência" (MARTINS, 2004, p. 16). Todavia, independentemente dos equívocos sobre os quais se assentaram, constituíram no que Luciano Martins (2004) definiu como uma expressão da alienação produzida pelo próprio autoritarismo e, ao mesmo tempo, em um instrumento de alienação e, para além dessas questões, demarcou valores e práticas de toda uma geração que entre pedras construiu sua história.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e*

política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA, Kátia da Costa. *Vozes em dissonância*: mulheres, memória e nação. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. 8. ed. Campinas-SP: Papirus, 1996a.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é apenas uma palavra. *In: Questões de sociologia.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, Antônio Carlos, DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais de Juventude.* São Paulo: Ed. Moderna, 1990.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. *In:* FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimento sociais em fins do século XX.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Extremos*: o breve século XX: 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: Marialice Foracchi (org). *Karl Mannheim:* Sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

MARQUES, Octo Outuniro, *Cidade mãe* – casos e lendas. Goiânia: Gráfica de Goiás. CERNE, 1985.

MARTINS, Luciano. A "Geração AI-5". *Argumento,* n.º 3. 2004. Disponível em: http://

www.livrariaargumento.com.br/revista/artigo/GeracaoAI5.pdf. Acesso em 22 dez. 2010.

PAULA, Luciano Melo. *Goyania, a épica romântica da conquista de Goiás*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras, 2007.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura.* São Paulo: Circulo do Livro, 1985.

RIBEIRO, Mirian Bianca Amaral. Memória, família e poder. História de uma permanência política – os Caiado em Goiás. *In: Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias*/ Nasr Fayad Chaul, coordenador. - Goiânia: Mestrado em História/ UFG, 1998.

SALLES, Antônio Pinheiro (Coord.). *A ditadura militar em Goiás*: depoimentos para a história. Goiânia: Pligráfica, 2008.

SOUZA, Dalva Borges de. O golpe em Goiás. *In*: SOUZA, Dalva Borges de (Org.). *Goiás:* sociedade & Estado. Goiânia: Cânone, 2004.

TAVARES, Breitner. Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 25, n. 2, ago. 2010.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado,* Brasília, v. 25, n. 2, ago. 2010.